

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP. Atua como pesquisadora, professora e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (Anhembí Morumbi, 2004) e diretora do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma* (DVD, 55 min., Diphusa, 2006).

E-mail: kekei@comum.com



Fotos: Marcia Fasoli

Há desfiles que recusam o lugar de mera exposição de mercadorias e reforçam o papel da moda como campo expressivo daquilo que se passa no mundo e na sensibilidade dos criadores. Para além da divulgação de tendências e marcas, essas apresentações convocam afetos e provocam uma explosão de sentidos, convidando espectadores a adentrar enredos e vislumbrar paisagens.

Uma paisagem viva foi a proposta de Marcelo Sommer, ao apresentar a coleção *Sem título*¹ – o último trabalho que pôde levar a assinatura de seu nome, adquirido por um grupo de investidores para o qual ele então deixaria de trabalhar. O andar altivo dos modelos e a trilha sonora melancólica se compuseram com a instabilidade da natureza do cenário, sujeito a chuvas e trovoadas: o ambiente acinzentado começou úmido de garoa e logo foi encharcado por intensa tempestade, daquelas que parecem que não vão parar nunca mais.

O clima (im)previsto do desfile moveu o diálogo que Norval Baitello junior fez com o filósofo japonês Tetsuro Watsuji, enfatizando a multiplicidade de nuances da cor cinza e a pluralidade da força mítica das águas que Sommer nos ofereceu: algo entre *renascer das cinzas* e *lavar a alma*. Além de apontar para outras paisagens, aquela tempestade "não estimula a oposição, a resistência ou a luta pela sobrevivência, pois tudo lhe é dado com generosidade", ressalta Baitello – convidado desta edição da coluna [ziguezague].

Moda e geração de ambientes

[NORVAL BAITELLO JUNIOR]

Professor na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e diretor científico do Centro de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia (www.cisc.org.br).
E-mail: norvalbaitello@pucs.br

A moda é hoje uma das mais poderosas construtoras de cenários da cultura contemporânea, cenários nos quais literalmente nos enfiamos, que vestimos e carregamos, com glamour, desafio, brilho ou contestação, mesmice preparada ou diferença planejada. Vestir não é ato simples (como na verdade nunca foi, nem nas culturas arcaicas, sociedades ancestrais, que atribuíam valores míticos ou transcendentais às imagens com que adornavam seus corpos, nem nas sociedades modernas ou contemporâneas, com sua complexa rede de sistemas de comunicação, dos quais a moda faz parte, porque gera imagens). É produção de personagens, as nossas múltiplas personagens que construímos para nós mesmos nos tantos momentos e na multiplicidade de funções que exercemos ao longo de um dia, de um ano, de uma década e de uma vida. Personagens são formas teatrais, máscaras geradoras de ressonâncias e reverberações. E as máscaras podem ser portáteis, como anexos aos corpos ou fixas, não portáteis, gerando cenários ou ambientações. O sentido da palavra *cena*, vinda do latim *scena*, importada do grego *skene*, é originariamente tenda, cabana e depois designa o palco teatral. Mas a rigor, todo ambiente serve como cena, como abrigo para os seres que o habitam. O que se procura entender hoje em dia é mais ousado e difícil: em que medida as ambientações criam personagens. Aquilo

que já foi sentido como "pano de fundo", uma vez entendido como ambientação, pode assumir o papel ativo de modelagem dos seres que vão habitá-lo. Foi o que ocorreu no desfile de Marcelo Sommer: a ambientação rouba a cena e determina a natureza dos seus habitantes.

Chuvas e lágrimas do inverno de Sommer

O inesquecível desfile de Marcelo Sommer do inverno de 2006, ambientado sob copiosa chuva, artificial e artimanhosa, leva-nos a perguntar que ambientes culturais nascem sob a chuva, nas profundezas da emergente cultura humana. Não nos esqueçamos, contudo, de que a copiosa chuva, a qual caía sobre os evanescentes seres que apresentavam desenhos e desígnios, caía também sobre a alma dos espectadores, presentes ou posteriores, assistindo à gravação do desfile, que, por certo, ainda potencializava os efeitos do aguaçal que se despejava sob a luz crepuscular do desfile.

Seria uma citação do pungente espetáculo de teatro-dança *Árias*, de

[44]



Pina Bausch? Ou um desdobramento ou desfecho trágico e silencioso da principal cena do clássico *Singin' in the rain*, de 1952, da áurea e ingênua fase de Hollywood (do róseo pós-guerra que rapidamente se transformou em guerra fria)? As artes nunca ignoraram as chuvas como não olvidaram jamais as lágrimas. Consciente ou inconscientemente há sempre um diálogo com os textos míticos (o dilúvio), ou artísticos (desde a chuvosa e enevoada Dublin até a representação impressionista dos objetos transformada em gotas de cores, diluídas na tela para se recompor na retina). A água e seu fluxo estão presentes na arquitetura da cultura árabe sob a forma de fontes, mas também sob a forma do fluir da linha na escrita. Nas culturas ameríndias, nuvem, chuva, raio e trovão são divindades fecundadoras, há que se cultuá-las. Uma infinidade de referências reverbera no desfile de Marcelo Sommer, refletindo sim as (suas) lágrimas, mas anunciando a chuva fertilizadora do crepúsculo que resultará em novos rebentos ao amanhecer; relembrando nas águas o sentido da purificação.

O poder da paisagem ou a arqueologia dos cenários

Mas é preciso ir mais fundo na imagem da chuva e seus possíveis opostos (o aconchego, a seca etc.), para que ela não se expanda apenas em redes horizontais de citações e equivalências, por certo poéticas, contudo, tautológicas. É necessário buscar o potencial da imagem onipresente que gera padrões culturais, tipologias arcaicas que contribuíram para a escultura da alma humana, que a moldaram na sua constituição mais íntima, a partir da qual se fez possível desabrocharem infinitas variações e diversidades.

Aqui entram em cena um estudo e uma reflexão pouco conhecidos no Ocidente (e em vias de progressivo esquecimento também no Oriente, seu berço): trata-se do pensamento raro e desafiador do filósofo japonês Tetsuro Watsuji a respeito do poder dos ambientes sobre a geração da cultura. Watsuji (1889–1960) foi um dos primeiros filósofos japoneses que escreveram sobre Schopenhauer (em 1912), Nietzsche (em 1913) e Kierkegaard (em 1915). Interessado pelo Budismo primitivo, ainda jovem publica sua *Peregrinação aos templos antigos* (das cidades imperiais de Kyoto e Nara) em 1919, descrevendo pormenorizadamente as imagens contidas nesses templos. Em paralelo às reflexões sobre as imagens sagradas do Budismo, publicou, anos mais tarde, uma *Peregrinação às antigas igrejas da Itália*. Doutorou-se em Filosofia na Alemanha, leu atentamente Heidegger e escreveu, sob o impacto de *Sein und zeit* (Ser e tempo), uma de suas obras mais importantes, em 1929 (mas publicada somente em 1935), o hoje clássico *Fudo* (reunião dos ideogramas para "vento" e para "terra"). Estudioso dos ambientes de culto, apresenta nessa sua *Antropologia da paisagem* (assim ficou o título intraduzível *Fudo* na versão espanhola, enquanto os anglofalantes o traduziram por *Climate and culture*) um outro tipo de templo, o grande templo das paisagens (com o clima, a natureza, a terra, o vento) e como elas atuam sobre nós. Vejamos então o que nos diz Watsuji.

Monção, deserto e prado

Em três grandes tipos de clima ou ecossistemas geram seus correspondentes ambientes históricos e sociais dos quais nascem as principais protoculturas humanas: as monções, os desertos e os prados. A monção é um vento quente e úmido que traz chuvas abundantes ao sudoeste asiático, criando um clima de



grande fertilidade e generosidade na natureza. Uma natureza que cresce e floresce com vigor e força indomáveis, mas que permite ao homem desfrutar, sem esforços, da abundância que a ele se apresenta, simplesmente colhendo o que queira, em sintonia e consonância com os ritmos naturais. Não estimula a oposição, a resistência ou a luta pela sobrevivência, pois tudo lhe é dado com generosidade. Docilidade e resignação são os traços humanos que então se desenvolvem no homem. Nesse clima surgem as religiões e a cultura indo-arianas, da sabedoria poética dos Vedas, por exemplo, em que os guerreiros eram também sacerdotes. Os deuses não nascem de uma tensão de forças para escapar de calamidades, mas nascem da natureza que sempre opera a favor do homem. Assim o homem não teme seus deuses, porém se sente parte deles, está neles e eles estão no homem, como também nas coisas e na natureza.

O deserto, como ambiente histórico e social, ao contrário, exige do homem a mobilização de toda a sua capacidade de opor-se às circunstâncias. Qualquer passividade será fatal. É necessária a luta contra a natureza hostil, e os deuses só ajudarão aqueles que tiverem a fibra para esse embate. Foi nesse ambiente que surgiram as três grandes religiões monoteístas, o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo. Com a natureza hostil, os vínculos de parentesco, de familiaridade ou de pertencimento a uma comunidade são forçosamente colocados em plano de destaque na vida social, pois são ao mesmo tempo estratégia de sobrevivência. Toda fecundidade provirá do esforço humano. E esse esforço desenvolve múltiplas estratégias (práticas, cognitivas e simbólicas) transformando-se, em seu apogeu, em formalizações abstratas que redundam na astronomia, na aritmética, na medicina e, enfim, nas ciências.

O terceiro tipo de paisagem (entendido igualmente como ambiente histórico e social) é aquele dos prados, nos quais não há nem a umidade excessiva das monções nem a secura do deserto. A umidade não é cálida como nas monções, a secura também não é extrema como no deserto. O Cristianismo de Paulo, transportado para esse ambiente, gera o culto de Maria, uma religião de amor, muito pouco parecida com os monoteísmos desérticos, mais próxima das divindades monçônicas. A cultura dos prados (nascida em torno do Mediterrâneo e expandida pela Europa) bebe amplamente e transforma a herança do deserto, passando a ser o grande berço e a grande representante da civilização ocidental.

Tal curiosa tipologia das ambivalências humanas, reforça Watsuji, não é uma simples projeção do clima sobre a cultura, mas uma introjeção de traços ambientais no comportamento do homem que a projeta igualmente na alma da cultura.

Retorno à chuva e às lágrimas da purificação

Marcelo Sommer apresenta em seu desfile algumas curiosas marcas dos três ambientes, a chuva copiosa das monções que nos transforma em vegetais que bebem e crescem sem fazer esforço, em cândido conluio com os elementos da natureza; a dureza calculista e objetiva dos desenhos, das cores, dos materiais, dos projetos, que nos transformam em duros minerais, rígidos, persistentes, imbatíveis, inamovíveis; o sentimento da brandura e da melancolia que nos transforma em animais humanos, maleáveis e doces, frágeis e mortais. Nessa síntese de multiculturalidade, essência da alma, da arte e da moda brasileiras, a arte da moda fabrica, com refinadas artimanhas, as lágrimas e a chuva da purificação de todas as nossas tragédias, sociais, políticas, econômicas.

[1] O desfile *Sem título* integrou a primeira edição do *ziguezague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas*, evento paralelo ao *São Paulo Fashion Week*, realizado pelo MAM e Senac São Paulo. A mostra *Desfiles incríveis*, com comentários de Carol Garcia e Norval Baitello junior e mediação de Cristiane Mesquita, aconteceu no dia 28/1/2007.